



Evento: XXX Seminário de Iniciação Científica

## O TEMPO E AS HISTÓRIAS QUE CONSTITUEM A EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

### TIME AND THE STORIES THAT CONSTITUTE EDUCATION

**Daniela Kleinübing Käfer<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na Unijuí através dos estudos desenvolvidos no grupo de estudos Ágora.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC); orientanda da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vânia Lisa Fischer Cossetin. Bolsista Capes.

### INTRODUÇÃO

Temos o tempo como um medidor da vida em sociedade, ele pode dizer muita coisa e ensinar muitas outras também. Através do tempo, vamos tecendo as nossas narrativas, vamos contando e recontando as nossas histórias - pessoais e coletivas - e assim, constituindo aquilo que somos e seremos. O tempo sempre nos dá opções de escolha: a narrativa não é engessada, ela é composta de três partes: o que foi, o que é e o que será, sendo estes dois últimos espaços em branco para as nossas ações.

Embora as narrativas do passado sejam um fato já posto, cabe a nós como ela será recontada. Podemos, através do olhar que possuímos sobre ela, ressignificá-la. As memórias são compostas da nebulosidade do que idealizamos e realizamos - ou não. Contudo, embora possamos escolher o ar com que narramos parte da história que já vivemos, não podemos deixar de (re) conhecê-la. Negar a história que perpassa nossa existência é como ver o mundo de cabeça para baixo, a visão é distorcida e subordinada à ilusão daquilo que não é.

Somos um com a história que nos antecede, com tudo que nossos antepassados já viveram, somos a continuação de uma narrativa de mundo infinita e, desta feita, seremos um com as narrativas que nossos filhos e as próximas gerações contarão. Fato que exemplifica são os conselhos que recebemos dos nossos pais, conselhos estes que eles receberam dos pais deles - nossos avós, e assim, em uma sucessiva sequência de fatos e dinâmicas que acompanham o homem, os conselhos foram passados de geração em geração e nós, certamente daremos estes conselhos aos nossos filhos, sobrinhos e netos. Isto assim o é. Ainda que um homem rebelde não recontar os conselhos recebidos, todos os demais se



ocuparão - ou assim deveriam fazer - de passar a sabedoria secular adquirida na tradição aos que estão vindo e ainda virão. Se diferente fosse, não teríamos tantos preconceitos e ideias equivocadas resistindo ao passar dos séculos, bem como a moral e os valores que nos constituem e a nossa trajetória.

## **METODOLOGIA**

Este escrito, através de pesquisa bibliográfica e reflexão de conceitos concernentes ao estudo do ato de narrar que percorre todas as gerações, se ocupará do tensionamento destas reflexões, buscando sempre redimensionar as práticas que ocupam, produzem e constituem o ambiente escolar e a matéria humana que ocupa este espaço..

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Não é suficiente pensar na contação de histórias dentro do contexto escolar como apenas uma forma de disseminação e incentivo à leitura, e, embora sejam iniciativas importantes no cultivo da cultura, ainda relegamos as histórias aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como se somente as crianças precisassem conhecer as histórias deste mundo.

As artes e a literatura não têm classificação indicativa, não há nada que nos diga que depois dos 10 anos um sujeito não gosta mais de ouvir histórias. De onde tiramos que as novas gerações não querem saber de seu passado? Fato que rechaça essa ideia é o quanto gostamos de ouvir as histórias que nossos pais nos contam.

Professores, por acreditarem não possuir o dom da oratória, não contam histórias aos seus alunos. Mas, afinal, o que é contar uma história? Estamos nos enganando acreditando que precisamos de palco para disseminar arte, conhecimento e literatura. A história é viva, bem como o professor e os alunos que o escutam. Para contar uma história, só precisamos estar vivos e respirando. É disto que sobrevive a história: vida.

Outro equívoco muito comum é pensar que só estamos contando história quando escolhemos a narrativa de um livro para recontar. Isso é válido, obviamente, mas não é somente o que está nos livros que é história. A fofoca do vizinho, o disque disque da sala dos professores, o bullying em sala de aula, tudo conta uma história. A pergunta central, que deve nortear a nossa prática docente é: qual é a história que estamos escolhendo contar? E para responder a essa pergunta não precisa ser da área de humanas, basta, somente, ser humano.



O ato de contar história está entrelaçado aos nossos valores, aquilo que acreditamos para a educação e para a humanidade, a própria negação e recusa deste processo já está revelando algo em que acreditamos. Estamos transmitindo crenças, preconceitos, valores e toda a gama de subjetividade que nos perpassa para as novas gerações, estando conscientes deste fato ou não. Olga Pombo, em seu texto intitulado Elogio da Transmissão, trará a raiz da palavra transmissão e consolidará a importância do transmitir, ainda que hoje, o conceito de transmissão não seja visto com bons olhos no contexto escolar, ele é fundamental para a manutenção da educação e sociedade que desejamos construir através das novas gerações:

Trans e mitir. O trans conhecemos nós bem: do atravessar a rua, da transversal, do trapézio. O trans significa justamente através de. O mitir, do verbo latino mitto, misi, missum significa atirar, deixar ir, soltar, largar, enviar. A missiva e o míssil têm aqui a sua raiz. Transmissão pois de alguma coisa que se envia através de, que é enviada de um lado para o outro e que, portanto, atravessa qualquer coisa. (POMBO, pg. 03)

Observemos que a autora traz um conceito que está sujeito ao tempo, estamos enviando uma mensagem no hoje que será recebida no amanhã. Este conceito perpassa a construção dos conhecimentos, ainda que não esteja em voga na educação atual, tão pouco é obsoleto. O que ensinamos e por que ensinamos? Esse questionamento retoma o anterior: que história estamos contando? O ato de reflexão é tão significativo quanto a resposta que será encontrada.

O profissional da educação não precisa pedir licença para seu fazer pedagógico. Hannah Arendt dirá que “a autoridade sempre exige obediência” assim, ela é “comumente confundida como alguma forma de poder ou violência” (2016, pg. 129), ora pois, no caso de contar as nossas histórias, a violência vem atrelada ao fato da prática narrativa não ocorrer. É preciso ter clareza que o ato de educar não pressupõe autoritarismo e sim autoridade, uma autoridade legitimada pelo simples fato de sermos adultos. O adulto tem a missão de transmitir ao recém chegado - crianças e adolescentes - o mundo comum que recebeu também como transmissão.

Somos finitos neste mundo, e não há outra forma de garantirmos a sobrevivência das novas gerações e deste planeta se não for conservando os valores de respeito à vida humana, coletividade, cuidado com o ambiente e meios de vida sustentáveis. Precisamos transmitir.

Mas, sendo nós mortais, condenados a articulações apenas horizontais, para fazer passar alguma coisa de geração em geração, para garantir alguma verticalidade, tivemos que inventar e instituir diversificadas formas de transmissão (dos sons, da fala, dos nomes, da propriedade, dos bens, da fortuna, dos mitos, dos ritos, dos saberes). A partir do momento em que somos mortais - e essa condição parece ser



irrecusável, irremediável, incontornável - por muito que nos custe, não há como não fazer o elogio da transmissão. (POMBO, pg. 02)

Assim como os componentes genéticos são transmitidos de pai para filho, os nossos valores e crenças no mundo e na educação precisam ser transmitidos de geração em geração. Somos mortais e responsáveis pelos que estão vindo. Se nós nos recusarmos a transmitir, deixaremos um mundo aos nossos netos? Não temos motivos para nos envergonhar de nossa história passada, nossa responsabilidade é abraçá-la e recontá-la. Esta é a única escolha que resta à educação. O ato de não contar e omitir-se da construção do mundo e educação futuros já está contando uma história.

A oralidade e a tradição são um traço fortíssimo na construção basilar do nosso mundo, seja ele ocidental ou oriental. O que mudou foi a disposição em ouvir, ou, acreditar que não estamos sendo ouvidos. Este saber transmitido na oralidade sempre se fez presente, o que é humano não tem prazo de validade.

As relações entre humanos são constituídas pelos sentidos: olhar, ouvir, sentir o outro, ver e reconhecer a vida e a existência diferente da minha que se apresenta na convivência cotidiana. E esta última, sendo composta de atritos ou empatia, vai operar dentro do humano que sou eu e produzir sentidos, experiências que terão significação única, de acordo com as vivências que me constituem enquanto educador, e como a relação é dialética, também acometerá ao aluno.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, quando damos ao outro, enquanto educadores contadores de um mundo milenar, um olhar de significância, que reconhece o outro como algo além de um depósito de conhecimento, contamos do mundo aquilo que pode, esse sujeito, dar novas dimensões e perpetuamos assim, a herança humana sobre o que é ser humano, reconhecendo que somos tecidos na fragilidade e que de nossas histórias pode surgir a força necessária para que estes seres que sobrevivem da coletividade continuem existindo.

Temos um mundo a preservar e muitas histórias para contar com essa perspectiva, pensando que ainda acreditamos, enquanto educadores, na utopia de um ideal que nos faz continuar perseverando no humano, crendo que a educação que queremos é aquela que prima pela gente, pela matéria que nos constitui educação. A história, por si só, é muito potente e



viva, carrega um sopro da vida de todos que a contaram e ouviram em algum momento das narrativas da humanidade.

Entretanto, por vezes, “Imersos que estamos em formas quase inumeráveis de ensino [...] raramente paramos para pensar no que é essa magia da transmissão, nos seus recursos nem sempre legítimos, no que, à falta de definição mais precisa, eu chamaria de *mistério* da coisa” (STEINER, 2018, pg. 11). O fazer pedagógico necessita de clareza de intencionalidade, mas não consegue dimensionar o alcance que terá, compreendendo que no outro meu fazer não pode ser predito, uma vez que a individualidade do outro se processa de maneira única e distinta da minha.

Somos um emaranhado de dicotomias e se pretendemos dialogar com o nosso passado, precisamos aceitar e conversar com aquilo que somos hoje, para que a nossa prática atue na construção de um futuro consistente e, embora ainda misterioso e não dito, assegure a continuação da vida humana.

O tanto que contamos, é o quão profundo iremos na edificação deste mundo comum, e por fim, invoco Hannah Arendt uma vez mais para dizer que “Memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação.” (pg. 131, 2016). Este pequeno fragmento carrega a potencialidade de tudo que uma história pode ser: uma memória profunda, constituída do amor de educar e de todos os outros valores e amores que acreditamos para este mundo.

E assim, continuamente, contamos nossas histórias. Lançamos nossos mísseis através do tempo, buscando assegurar nossa continuidade enquanto raça humana, enquanto educação e reconhecendo o poder da tradição que nos trouxe até aqui e nos oportunizou um espaço de fala para a reflexão tão necessária acerca da educação que, ainda, queremos.

**Palavras-chave:** Tempo. Contação de Histórias. Educação.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Que é autoridade?**. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

POMBO, Olga. **Elogio da transmissão**. Caderno Escolar: Pensar a Escola. Lisboa - Portugal. Número 6/08, pg. 29-37, 2006-2007.

STEINER, George. **Lições dos mestres**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2018.